

Júlia Câmara da Costa

“DE ÁRVORES E METAIS: MITO E HISTÓRIA ENTRE AS
CULTURAS IRANIANA E JUDAICA”

Monografia de bacharelado

Departamento de História
Universidade de Brasília

Orientador: Vicente Dobroruka

Brasília, junho de 2008



AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Júlio e Magda, que sempre me apoiaram na decisão de ser uma historiadora e em momento algum me deixaram desamparada no longo processo da graduação. Também devo meus mais profundos agradecimentos aos meus tios Alberto Jorge e Paulo Muniz, que sempre se prontificaram a me ajudar no que fosse preciso para que eu tivesse uma educação completa, seja com livros ou financiando minhas idas a congressos. Meus amigos de graduação também se mostraram essenciais nesta trajetória, sem eles minha experiência na UnB não teria sido completa. E, por fim, gostaria de agradecer a três pessoas em especial: ao meu grande amigo Fabrício Barbacena, por ter assumido a difícil tarefa de me introduzir na língua grega, com muito primor, eficiência e paciência; à Professora Doutora Almut Hintze, por tão gentilmente ter aceitado me orientar no doutorado; e por fim, mas não menos importante, ao Professor Doutor Vicente Dobroruka, um orientador formidável que sempre exerceu sua função com a maior excelência e, cujo qual, me proporcionou o melhor treinamento que poderia ter tido para ingressar na pós-graduação, além de ter sido um grande amigo em todos os momentos da orientação.



ÍNDICE

Agradecimentos	2
Introdução	4
Capítulo 1: Algumas reflexões sobre o número de idades do mundo e seus metais nos capítulos 1 e 3 do <i>Bahman Yašt</i>	7
Capítulo 2: A "árvore cósmica" num apocalipse persa: um elo possível entre a cosmogonia indiana e a estátua de Daniel 2?.....	18
Capítulo 3: O <i>Bahman Yašt</i> e o problema de datação das fontes textuais iranianas	27
Conclusão	36
Anexo: A abordagem morfológica de Propp no complexo mítico das "idades do mundo" com ênfase no <i>Bahman Yašt</i>	38
Bibliografia	42



INTRODUÇÃO

O tema da "árvore cósmica" e de seus metais associados é o carro-chefe desta monografia, onde pretendo reavivar a discussão a respeito do texto persa *Bahman Yašt*¹ (também chamado de *Zand ī Wahman Yasn*) e suas relações com o mundo judaico, em especial com o livro canônico de Daniel². A escolha deste tema se deu por conta da linha de pesquisa em que venho trabalhando a aproximadamente dois anos no PEJ - Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos. O universo cultural persa faz-se presente em todos os meus trabalhos desde então, logo, não poderia deixar de estar em minha monografia final de curso.

As tradições judaica e iraniana são alicerces para grande parte da tradição cristã. Não fosse pelo zoroastrismo³, aparentemente a primeira religião onde o fim dos tempos é descrito, e o judaísmo, fonte de todo o Velho Testamento e conseqüentemente de várias idéias presentes no Novo Testamento, o cristianismo provavelmente não teria o formato que conhecemos atualmente. Entender a formação de complexos míticos presentes nestas duas tradições torna-se

¹ *Bahman Yašt* será, a partir de agora, abreviado para BY. Para este texto utilizo a tradução com comentários críticos de Carlo G. Cereti (ed.). *The Zand I Wahman Yasn, A Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

² Assim como BY, Daniel também passará a ser abreviado por Dn. Para os trechos analisados em Dn utilizo *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

³ Religião dualista, onde o bem e o mal são representados por Ahura Mazda (primeiro deus e "Senhor da Sabedoria") e Angra Manyu (que está ao lado da desordem do mundo). Zoroastro (que, supõe-se, ter vivido por volta de 1200 a.C.) teria visto Ahura Mazda e acreditado ser o profeta escolhido para difundir a nova ordem religiosa. O panteão zoroástrico é bem parecido com o do mundo védico, como vários outros aspectos da religião, por isso a comparação constante de temas do zoroastrismo com o mundo indiano. O *Avesta* é tido como o conjunto de inscrições (em sua maioria hinos, *gathas*, que falam de seu criador Ahura Mazda) mais antigo da tradição zoroástrica.



mais que necessário para que se entendam melhor suas formulações e repercussões em outros ambientes.

Parece-me imprescindível que um estudo acerca do complexo mítico das "idades do mundo" seja feito, justamente para que se conheça um pouco mais sobre a apropriação de certos símbolos (como a imagem da árvore, por exemplo) pelo zoroastrismo e judaísmo e também para que se tenha uma melhor noção da visão de história mundial que estes povos tinham. Deve-se ressaltar que o mito das idades encontra-se também em outras fontes, como Hesíodo, Ovídio e Santo Agostinho, por exemplo, tendo, portanto, sido levado em consideração por vários pensadores⁴.

Para um melhor entendimento do conteúdo que vem a seguir, é válida em breve exposição do problema a ser tratado. A pesquisa que envolve esta monografia visa a encontrar um possível elo entre a estátua do sonho de Nabucodonosor em Dn 2 e a "árvore cósmica" no texto persa BY. Como um provável ponto de ligação entre estas duas tradições surge a figura do "homem primordial" da cosmogonia indiana⁵.

O principal ponto de contato ocidental com a cosmogonia indiana se dá com o poeta, filósofo e astrólogo sírio Bardesanes (154-222 d.C.). Ele diz, a partir de fontes indianas, que um ser divino, o "homem primordial", encontra-se de braços abertos, no centro da Terra. Este ser é, miticamente, a matriz dos outros homens, numa multiplicação que está diretamente ligada ao esquema das quatro eras indianas, as *yugas*.

O "homem primordial" está associado à "árvore da vida" indiana, pilar cósmico no centro do mundo, o que remete a

⁴ O mito aparece na obra *O trabalho e os dias* 106-201 de Hesíodo, *Metamorfoses* 1.89-150 de Ovídio e *Gênesis contra os maniqueus* 22-24 de Santo Agostinho.

⁵ Tema encontrado no épico indiano *Mahābhārata* II 2.



uma provável relação com a "árvore cósmica" do BY. Em BY 1 surge uma árvore com quatro galhos metálicos representando reinados persas, alguns míticos e outros históricos. Um paralelo óbvio se encontra em Dn 2, onde o rei da Babilônia, Nabucodonosor, sonha com uma estátua cujas partes são compostas de quatro metais também (todos reinos mundiais históricos), sendo o último ferro misturado à argila⁶, enquanto que no BY o último galho é uma mistura de ferro com algo não identificado.

Dn 2 e BY 1 mostram grandes semelhanças quanto ao uso dos metais em relação às quatro idades e impérios mundiais, o que nos leva ao "homem primordial" indiano. Seu corpo está disposto como uma árvore, o que me parece uma combinação das figuras da "árvore cósmica" iraniana com a estátua daniélica. As apocalípticas persa e judaica e o mito de criação indiano, juntamente com o mito das quatro idades e dos metais fundem-se, sobre o pano de fundo da resistência cultural, tornando-se peças fundamentais para a realização deste trabalho de pesquisa. Meu objetivo neste trabalho de monografia é discutir a relação Oriente-Occidente no que tange o complexo mítico das "idades do mundo" e, se possível, propor novas saídas para alguns dos problemas envolvidos nesta questão⁷.

⁶ O tema das "quatro idades do mundo" ressurgue em Dn 7, mas este não será tratado nesta monografia, visto que os metais estão fora de sua narrativa. Em Dn 7, as idades do mundo e seus impérios são representados por bestas.

⁷ Uma breve, porém inovadora parte da pesquisa se encontra no Anexo.



**CAPÍTULO 1 - ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O NÚMERO DE
IDADES DO MUNDO E SEUS METAIS NOS CAPÍTULOS 1 E 3 DO
*BAHMAN YAŠT***

O tema das idades do mundo está presente em diversos contextos do mundo antigo. O que pretendo neste primeiro capítulo é mostrar que tal complexo mítico, que muitas vezes aparece associado ao tema das monarquias mundiais e dos metais, possivelmente é de origem indo-européia e que a partir deste ambiente alcançou os espaços grego e semítico⁸.

Em grande parte dos trabalhos acadêmicos, o tema da simbologia dos números não parece ser valorizado, mas nesta parte da pesquisa, tal tópico assume grande importância. As "quatro idades do mundo"⁹ parecem ser o ponto inicial de uma linha mítica que gera outras variantes como as de sete ou nove idades, às vezes presentes no mesmo texto, como é o caso do BY.

Primeiramente, é necessário saber melhor do que se trata o BY¹⁰. Este não é originalmente um apocalipse, mas sim "uma compilação secundária de material apocalíptico de

⁸ Este primeiro capítulo é baseado, apresentando pequenas modificações, na comunicação que apresentei no VII Congresso da SBEC - "Ócio e trabalho no mundo antigo" em Araraquara, na UNESP, de 3 a 6 de setembro de 2007. O nome da comunicação apresentada é "Algumas reflexões sobre as idade do mundo nos capítulos 1 e 3 do *Bahman Yašt*".

⁹ O número quatro, tido pela maioria dos estudiosos como a quantidade inicial de idades do mundo, parece remeter às quatro estações do ano, não só pelo número, mas também por representarem uma "deterioração" do tempo climático com a mudança das estações começando com o verão e acabando no inverno.

¹⁰ *Bahman Yašt* não é a maneira mais correta de se referir ao texto, já que este é um *zand*, desta forma, o nome *Zand ī Wahman Yasn* expressaria melhor a idéia do texto iraniano. Ainda assim, *Bahman Yašt* parece-me mais cômodo, além do fato desta ser sua forma mais usual.



diversas origens”¹¹. De qualquer forma, ao lado do *Ardā Wirāz Nāmag*¹², este é o único texto que pode ainda ser chamado de “apocalipse persa”, pois apresenta elementos, em sua narrativa, de caráter apocalíptico, como os sinais anunciando o fim do milênio de Zoroastro e outros eventos relacionados ao fim dos tempos, além do diálogo entre Zoroastro e Ahura Mazda, o “Senhor da Sabedoria”, a visão de quatro eras e, posteriormente, a visão das sete idades (ambas com forte ligação com o livro de Daniel)¹³. O que se tem hoje do BY é apenas um comentário produzido no período sassânida (221 a.C.-642 d.C.) do original avéstico (um *zand*), assim, o texto é escrito em *pahlavi*, ou persa médio.

O esquema das quatro idades do mundo aparece no capítulo 1 do BY associado aos metais representando monarquias mundiais. O texto apresenta uma árvore com galhos metálicos - de ouro, prata, aço e de algo não especificado misturado a ferro - representando reinados

¹¹ Anders Hultgård. “Persian apocalypticism” in: John J. Collins (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Christianity*. New York: Continuum, 1998. Vol.1. P.43.

¹² Texto persa considerado um apocalipse de “viagem ao além”, onde o personagem principal *Wirāz* (um sacerdote que explora questões relativas à morte) descreve suas visões sobre o céu e o inferno. Costuma ser comparado à *Divina Comédia* de Dante Alighieri, que alguns alegam ter influenciado.

¹³ Segundo a bem aceita definição de Collins, o que insere um texto no gênero apocalíptico é a combinação de fatores como: visões, sinais anunciando o fim dos tempos, diálogo com um ente superior (normalmente um intermediário entre o homem e Deus). Collins trata a apocalíptica como um gênero literário, mas compreende que esta é apenas uma forma de classificá-la. Assim, divide os apocalipses em dois grandes grupos: os de “viagem ao além” e os “históricos”. É também importante pensar na literatura apocalíptica como forma de resistência ao helenismo ou ao período romano, ou seja, uma forma de periodização da história. É óbvio que isto se observa mais claramente na apocalíptica judaica, já que a sobreposição de eras históricas com míticas na apocalíptica persa torna a análise da resistência muito mais confusa. Desta forma, o caráter esotérico se sobrepõe neste gênero aplicado ao caso iraniano. Contudo, os apocalipses podem transparecer quietismo, nem sempre apoiando uma revolução militar. Antes de tudo, a função dos apocalipses é prover uma visão mais compreensiva do cosmos sobre a ordem dos céus ou do curso predeterminado da história. Para conhecer mais sobre a discussão acerca do gênero apocalíptico ver John J. Collins. “The Apocalyptic Genre” in: *The Apocalyptic Imagination*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998.



persas, alguns míticos e outros históricos, como dito na introdução desta monografia.

BY 1:

Ohrmazd disse a Spitāmān Zarduxšt: *o tronco que você viu [este é o mundo material que eu, Ohrmazd, criei]. Estes quatro galhos são as quatro épocas que virão. O de ouro é este no qual eu e você estamos conversando, e o rei Wištāsp aceita a religião e quebra os corpos dos dēws e [os dēws, na condição de serem visíveis], voam e se escondem. E o de prata é o reino [de] Ardaxšīr, o rei Kayanida. E o de aço é o reino [de] Husraw de alma imortal, filho de Kawād. E o no qual ferro foi misturado é o reino corrupto [dos] dēws de cabelo partido da descendência de Xēšm, quando isto será o fim do décimo século, ó Spitāmān Zarduxšt¹⁴.*

A árvore, tal como aparece no BY, representa períodos da "história mítica" do Irã zoroástrico. Na primeira variante do mito no texto, enquanto ocorre o diálogo entre Ahura Mazda e Zoroastro sobre a criação do mundo, os galhos da árvore representam quatro idades e, apesar do aspecto cósmico não ser mais desenvolvido, está canalizado para a imagem do milênio de Zoroastro¹⁵.

O esquema das quatro idades se repete no capítulo 2 do livro de Dn¹⁶. Neste, o rei da Babilônia, Nabucodonosor, sonha com uma estátua cujas partes são compostas de ouro,

¹⁴ Tradução minha da tradução inglesa de Cereti retirada de sua edição crítica do texto. Ver Carlo G. Cereti (ed.). *The Zand I Wahman Yasn, A Zoroastrian Apocalypse*.

¹⁵ Anders Hultgård. "Mythe et histoire dans l'Iran Ancien" in: Geo Widengren et alli. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995. P.110.

¹⁶ Produzido provavelmente no séc. II a.C.



prata, bronze e uma mistura de ferro e argila¹⁷ - na interpretação fornecida por Daniel, uma seqüência de reinos mundiais, mas todos históricos¹⁸.

Dn 2:31-33:

Tiveste, ó rei, uma visão: era uma estátua. Enorme, extremamente brilhante, a estátua erguia-se diante de ti, de aspecto terrível. A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila.

Assim como Dn 2¹⁹, os fragmentos para-daniélicos 4Q552-553²⁰ dos Manuscritos do Mar Morto apresentam uma seqüência de monarquias, ainda mais próxima do mito persa, já que as idades são representadas por árvores. Além dessa distinção, em Dn 2 o reino dos babilônicos é anterior ao persa, ao passo que em 4Q552-553 há uma inversão da ordem.

4Q552-553:

[...Eu vi um anjo] 2. permanecendo sobre o que ilumina (brilhava) e quatro árvores [ficaram ao lado] dele. E as

¹⁷ Uma possível alusão aos casamentos entre Selêucidas e Ptolomeus.

¹⁸ Em Dn 2 as partes da estátua representam, em seqüência, o reino dos neobabilônicos (o que foge à seqüência judaica que costuma começar com os assírios, mas devemos lembrar que a história de Daniel se passa numa corte babilônica), medos, persas e gregos, herdeiros do império asiático de Alexandre). Há também em Dn uma confusão em relação aos reinos medo e persa, já que não há provas de que tenham sido reinos distintos.

¹⁹ Ainda no Livro de Daniel, é evidente a conexão entre os capítulos 2 e 7, nos quais ambos tratam de quatro reinos mundiais inseridos no mito das idades do mundo, mas com a diferença de que no capítulo 7 os quatro reinos são associados a quatro bestas que saem do mar.

²⁰ Acredita-se que os Manuscritos do Mar Morto tenham sido compostos entre o séc. II a.C. e o séc. I d.C. Os fragmentos 4Q552-553 sofreram, obviamente, influência do livro canônico de Daniel, mas, ao mesmo tempo, sua semelhança com o mito persa da "árvore cósmica" nos leva a crer que a tradição daniélica realmente tinha contato com a tradição iraniana.



árvores levantaram-se e afastaram-se dele. E ele disse [a mim: Você vê] esta figura? E eu disse: Sim. Eu a vi e a tomei em consideração. E eu vi a árvore [...] estabelecida. E eu lhe perguntei: Qual é o seu nome? E ela me disse: Babel. E eu disse a ela: Você é a que reina sobre a Pérsia? E eu vi outra árvore [...] e eu lhe perguntei: Qual é o seu nome? [E ela me disse: [...]] e eu lhe disse: [Você é a que reina sobre to]dos os poderes do mar e sobre os portos [e sobre...]? [E eu vi] a terceira árvore [e] eu disse [a ela: Qual é o seu nome e por que] a sua aparência[...]

3. [...] Deus Altíssimo [...].²¹

Apesar de Dn 2:31-45 se assemelhar mais ao BY 1, por ter impérios mundiais representados por metais e associados às quatro idades do mundo, incluindo na citação clara ao ferro misturado, não se esgota aqui a relação de textos judaicos em consonância com o mito persa. No quarto livro dos *Oráculos sibilinos*²², Sibila, a personagem que dá nome ao texto, profere que quatro reinos estão por vir, trazendo consigo eventos escatológicos que culminarão no julgamento final em Jerusalém, esta passagem está presente em 4OrSib 40-192.

4OrSib 40-49:

Porque a raça inteira de homens é de destino lento. Mas quando o julgamento do mundo e dos mortais chegar, no qual Deus ele mesmo irá executar, julgando ímpios e piedosos de uma vez, então ele irá mandar os ímpios a obscuridade do fogo, e então eles se darão conta da impiedade que cometeram [...] Todas estas coisas serão feitas na décima

²¹ Tradução feita por mim da tradução inglesa retirada de Geza Vermès. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997.

²² Produzidos provavelmente em 80 d.C. A partir de agora, Oráculos Sibilinos será abreviado por OrSib.



*geração, mas agora, as coisas que acontecerão a partir da primeira geração, estas eu direi.*²³

A partir daí se segue a descrição dos quatro impérios: assírio, medo, persa e macedônico. 40rSib além de ter quatro idades do mundo representadas por reinos, também faz alusão a dez gerações, o que nos leva à divisão persa do milênio de Zoroastro no BY. Também é importante dizer que tanto Dn 2 quanto 40rSib apresentam mais um reino após seu esquema de quatro idades do mundo. No caso de Dn tal reino é o messiânico, representado pela pedra que tritura a estátua; já no caso de 40rSib, o quinto reino é o dos romanos, mas ambos mostram claramente que não há corrupção no esquema original de quatro idades, apenas incorporação um novo reino ao final da citação da última monarquia ímpia²⁴.

Após a exposição de tais fontes vemo-nos frente a um problema: qual o mito originário das quatro idades do mundo? O persa, o judaico ou, até mesmo, o grego representado por Hesíodo? Bem, sabe-se que em *Os trabalhos e os dias*²⁵, Hesíodo fala de cinco idades do mundo, quatro associadas a metais e uma denominada idade dos heróis.

Os trabalhos e os dias 106-201:

Raça de Ouro

[...] Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;

como deuses viviam, tendo despreocupado coração,

²³ Tradução minha a partir da tradução em inglês de John J. Collins retirada de James H. Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha - Apocalyptic Literature and Testaments*. Vol.1. New York: Doubleday, 1983. [OTP 1].

²⁴ David Flusser. "Os quatro impérios no quarto Sibila [sic] e no livro de Daniel" in: David Flusser. *O judaísmo e as origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Pp.109-117.

²⁵ Provavelmente produzido em torno de 700 a.C.



*apartados, longe de penas e misérias; nem temível
velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos,
alegravam-se em festins, os males todos afastados,
morriam como por sono tomados [...].*

Raça de Prata

*[...] e quando cresciam e atingiam o limiar da
adolescência*

*pouco tempo viviam padecendo horríveis dores
por insensatez; pois louco Excesso não podiam
conter em si, nem os imortais queriam servir [...].*

Raça de Bronze

[...] nenhum trigo

eles comiam e de aço tinham resistente o coração;

*[...] E por suas próprias mãos tendo sucumbido
desceram ao úmido palácio do gélido Hades [...].*

Raça dos Heróis²⁶

*[...] Zeus Cronida fez mais justa e corajosa,
raça divina de homens e heróis e são chamados
semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim
[...].*

Raça de Ferro

*[...] Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o
dia*

*cessarão de labutar e penar e nem à noite de se
destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão*

[...].²⁷

Em Hesíodo, a concepção das idades do mundo aparece num contexto diferente, mas ainda assim indica degradação dos

²⁶ Nota-se aqui um novo elemento no mito dos metais representando as "quatro idades do mundo". A Raça dos Heróis, além de se interpor entre os metais, também altera a seqüência degenerescente do texto ao falar de um período tranquilo antes da Raça de Ferro.

²⁷ Tradução em português retirada de Mary de Camargo Neves Lafer. *Os trabalhos e os dias de Hesíodo*. São Paulo: Iluminuras, 1989. Pp.31-35.



tempos, como ocorre no BY e nos textos judaicos que examinamos. Este texto estaria em consonância com as quatro *yugas* indianas, apresentando apenas um acréscimo, a "idade dos heróis".

Aqui chegamos a um ponto essencial da pesquisa, as "quatro idades do mundo" indianas. As *yugas* se mostram, provavelmente, como a mais antiga forma de caracterização dos quatro períodos do mundo, num movimento de degradação sucessiva, possivelmente influenciando não só Hesíodo, como também o BY e conseqüentemente Dn²⁸. As quatro idades do mundo, citadas no terceiro livro do *Mahābhārata* 187-190 significam os quatro períodos de vida de corpo divino, sua degradação gradual e seu envelhecimento. Elas são: *krita*, *treta*, *dvāpara* e *kali*. No primeiro período, *krita*, o *dharma* ("lei") governa o universo e a vida de cada homem dura 4000 anos, eles têm juventude eterna, os deuses e os demônios ainda não existem e a cor de Deus é branca; no segundo período, *treta*, já há uma divisão entre homens e mulheres, surgem as profissões e a propriedade individual e o *dharma* é reduzido em um quarto, bem como a vida dos homens, e a cor de Deus é vermelha; no terceiro período, *dvāpara*, o *dharma* é diminuído em outro quarto, as moléstias e a avareza atacam os homens e a cor de Deus é amarela; no último período, *kali*, todas as catástrofes manifestam-se e a população diminui, os homens são pequenos e fracos, só um quarto do *dharma* resta, propagam-se as heresias e a cor de Deus²⁹ é negra.

²⁸ A tradição indiana é uma das mais antigas que se tem conhecimento. Supõe-se que o hinduísmo tenha surgido em torno de 1500 a.C. e que os *Vedas* já sejam desse período, embora uma tradição oral seja bem anterior. O épico *Mahābhārata*, compilado por Krishna-Dwaipayana Vyasa, no entanto, parece ser do séc. VII a.C. Este assunto será retomado no capítulo 3.

²⁹ Referência à Višnu, Deus na tradição indiana.



Estamos, portanto, frente a um mito que, apesar de não falar de metais ou impérios mundiais, parece reforçar a antiguidade das "quatro idades do mundo"³⁰. O feito do autor do original do BY (se é que houve um original) parece então ser o de combinar todas estas características e dar mais complexidade ao tema, que aparece depois no mundo semítico³¹. Mas não só o esquema de quatro idades aparece no BY, como também o de sete no capítulo 3.

BY 3:19-29:

E eu vi uma árvore no qual havia sete galhos, um de ouro, um de prata, um de cobre, um de latão, um de chumbo, um de aço e um [no qual]ferro foi misturado [...] O tronco que você viu, este é o material do mundo que eu, Orhmazd, criei. E os sete galhos que você viu são as sete épocas que virão. O de ouro é o reino de Wištāsp no qual eu e você conversamos sobre a religião [...] O de prata é o reino de Ardaxšīr, o Kay [...] O de cobre é o reino de Ardaxšīr, o restaurador do mundo [...] O de latão é o reino dos reis arsácidas, que irão guiar o mundo da heresia do Buddha [...] O de chumbo é o reino do rei Wahrām Gōr, que fará visível o espírito da paz [...] O de

³⁰ É importante citar aqui o texto judaico 1Enoch, onde no capítulo 52 aparece um esquema de seis idades do mundo representadas por montanhas metálicas, que remetem a seis governos iníquos que serão destruídos pelo "Eleito". A seqüência de metais dada é: ferro, cobre, prata, ouro, de metal colorido e de chumbo. Como se pode ver, tal seqüência não se assemelha à persa ou daniélica, que sempre começam com ouro e terminam com ferro, mas é interessante notar que este texto também parece ter se apropriado de elementos indo-europeus. São eles o uso de metais representando reinados, e até mesmo a simbologia da montanha, tida na tradição iraniana com uma conotação negativa.

³¹ O texto persa *Dēnkart* 5.3.3 faz menção a diferentes idades da história e mitologia zoroastriana, de forma talvez mais próxima ao mito original do *Avesta*. O *Dēnkart* não possui a conotação política do BY (que, porém, no *Avesta* talvez representasse mais um divisão espiritual do milênio zoroastriano), já que se concentra no aspecto da história religiosa do Zoroastrismo, mas ainda assim é um exemplo de texto iraniano que faz uso das quatro eras de forma relativamente intacta.



ação é o reino do rei Husraw, filho de Kawād [...] O galho no qual ferro foi misturado [este é o perverso reino dos dēws de cabelo partido da descendência de Xēšm], quando será o fim do décimo século do nosso [milênio], ó Spitāmān Zarduxšt.³²

Aqui, acrescentam-se mais três idades do mundo, mas o contexto mítico é o mesmo que o do capítulo 1. Essa versão, segundo Hultgård³³, é bem mais desenvolvida e tardia, não só pela inserção de três novas idades, mas também por ser menos lacônica na descrição das idades de ouro e prata. O último esboço desta versão do mito parece ser do séc. VI d.C., no reino do sassânida Cosroés II. O uso do número sete parece estar conectado aos dias da semana, método de cálculo que vem sendo usado por judeus por séculos, ou então corresponder aos sete milênios da tradição ocidental judaica e grega, correspondentes aos sete planetas. Alguns estudiosos também acreditam que a referência às sete idades do BY pode ter sido retirada do contexto babilônico.

Por fim, não podemos esquecer o problema da datação dos textos persas. Este é um ponto decisivo para sabermos se

³² Como na passagem aqui apresentada do BY 1, o BY 3:19-23 também é uma tradução minha da tradução em inglês de Cereti.

O esquema de sete idades mantém a descrição de reinos persa, alguns míticos e outros históricos. Representando o galho de ouro está *Wištāsp*, tido como o rei iraniano protetor de Zoroastro; a referência ao galho de prata como sendo *Ardaxšīr*, o Kay é vista pelos estudiosos como uma menção ao rei *Ardaxšīr* I (22?-240 d.C.); referente ao galho de cobre, têm-se *Ardaxšīr*, o restaurador do mundo, um link entre a tradição épica e histórica (alguns o vêem como Artaxerxes I, pai de Dário II). A referência ao reino dos arsácidas, ao se tratar do galho de latão, mostra uma inversão com o período sassânida na história iraniana; a idade de chumbo é representada por *Wahrām Gōr*, um dos mais famosos soberanos sassânidas (421-438 d.C.); *Husraw*, representando o galho de aço, faz menção a um reino histórico, o de Cosroés II (531-579 d.C.) e sua citação é de extrema importância para a datação do texto; por fim, o último reino, galho de ferro misturado, é representado pelos *dēws*, definição *pahlavi* para "inimigos demoníacos" (esta pode ser uma referência tanto aos macedônios quanto aos turcos).

³³ Hultgård, op.cit. pp.106-107.



estamos lidando com apropriações de um complexo mítico indo-europeu por uma tradição semítica ou vice-versa (ou até mesmo para considerarmos se não estamos tratando de troncos independentes). Apesar de este tema ser mais bem abordado no capítulo 3 desta monografia, faz-se necessária sua introdução neste momento do trabalho. A pergunta a ser feita então é: a idéia de quatro idades do mundo, representada por impérios e metais que vão se degradando é indo-iraniana, logo influenciando o capítulo 2 do livro de Dn? Os metais ou as idades do mundo por si só já podem ter aparecido noutros contextos antes de penetrar o mundo iraniano, mas não podemos deixar de notar a incrível semelhança que ocorre na última idade do mundo, (que no apocalipse persa é representada pelo "ferro misturado a algo não identificado", e a ferro misturado a argila em Dn 2) algo que só ocorre entre os dois textos e mostra sua forte ligação. O ferro, nestes casos, é tido como o pior dos metais, pois está associado ao pior dos reinos, o último, e esta temática também aparece no texto persa *Bundahišn* 34:18-19 (texto persa que fala sobre a criação e destruição do mundo), onde é descrito um metal derretido que serve para julgar os homens.

Ao que parece, a Pérsia e a Judéia partilharam muitos temas durante o período helenístico, não só com relação às quatro idades do mundo associadas às monarquias mundiais e aos metais, mas também nas concepções de dualismo na ordem divina das coisas, a existência de uma hierarquia angelical, e a inevitabilidade do Juízo Final, com recompensas para os bons e punição para os ímpios³⁴.

³⁴ Samuel K. Eddy. *The King is Dead - Studies in the Near Eastern Resistance to Hellenism 334-331 B.C.* Lincoln: University of Nebraska Press, 1961. P.21.



CAPÍTULO 2 - A "ÁRVORE CÓSMICA" NUM APOCALIPSE

PERSA: UM ELO POSSÍVEL ENTRE A COSMOGONIA INDIANA E A ESTÁTUA DE DANIEL 2?

Ao mostrar a relação da "árvore cósmica" do apocalipse persa BY com o "homem primordial" da cosmogonia indiana descrito por Bardesanes, é necessário apresentar simbolismos ligados à "árvore cósmica" e sua diferença com a "árvore da vida". Neste capítulo também tentarei mostrar a "árvore cósmica" do BY como variante da idéia de "árvore única portadora de todas as sementes", além de seus aspectos cósmicos e temporais que a diferenciam das outras árvores da mitologia iraniana³⁵.

Como já foi dito anteriormente, no BY 1 surge uma árvore com galhos metálicos - de ouro, prata, aço e de algo não especificado misturado a ferro - representando reinados persas, alguns com figuras míticas e outros com personagens históricos. Um paralelo óbvio se encontra em Dn 2:31-45, onde o rei da Babilônia, Nabucodonosor, sonha com uma estátua cujas partes são compostas de ouro, prata, bronze e uma mistura de ferro e argila - na interpretação fornecida por Daniel, uma seqüência de reinos mundiais, mas todos históricos (com exceção do império medo, na interpretação tradicional).

Aqui, me distanciarei do tema dos metais e me deterei na "árvore cósmica".

Como já foi explicado no capítulo 1, a árvore, tal como aparece no BY, representa períodos da "história mítica" do Irã zoroástrico. Ahura Mazda diz a Zoroastro, nesse

³⁵ Este capítulo é baseado, com pequenas modificações, no artigo que escrevi para a *Revista Eletrônica do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã*, Vol.7, em 2008. Tal artigo recebe o mesmo nome do presente capítulo.



primeiro capítulo, que a árvore é o mundo criado por ele, o Deus. Mais uma vez, uma importante evidência que une a tradição de Daniel à "árvore cósmica" é apresentada na literatura para-daniélica qumraniana. Entre os Manuscritos do Mar Morto, 4Q552-553, de composição em aramaico, alude-se ao tema dos quatro impérios mundiais (como visto, também presente no livro canônico de Daniel). A novidade aqui é que a metáfora relativa aos impérios é feita a partir de quatro árvores, e não de uma estátua³⁶. Assim, as árvores também apresentam um certo caráter cósmico - como a árvore do BY - mostrando que os paralelos entre os dois complexos míticos são bastante próximos. O que antes, na mitologia iraniana, era uma árvore representando quatro impérios por meio de seus galhos, agora se transforma em quatro árvores, cada uma assumindo o papel de um reino. Obviamente estamos tratando de um texto fragmentário, mas a idéia inicial de árvores simbolizando quatro impérios mundiais está presente em 4Q552-553, já que é inicialmente mencionado o número de quatro reinos.³⁷

Segundo Eliade, a imagem da "árvore cósmica" faz-se presente em vários mitos para simbolizar o cosmos e sua seqüência de "nascimentos" e "mortes", além de exprimir as idéias de vida, juventude, imortalidade e sapiência. Assim, a árvore consegue exprimir tudo o que é sagrado, logo "real", para o homem religioso. A sacralidade da árvore acaba por desvendar as estruturas mais complexas do mundo, do ponto de vista mítico³⁸.

A "árvore cósmica" ou "árvore do mundo" se confunde com a idéia da "árvore da vida" e pode assumir diversas

³⁶ Além desta distinção, em Dn 2 o reino dos babilônicos é anterior ao persa, ao passo que em 4Q552-553 há uma inversão da ordem.

³⁷ Ver Pp.10-11.

³⁸ Mircea Eliade. *O sagrado e o profano - a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Pp.123-126.



funções, conforme o complexo mítico em que esteja inserida. Bottéro³⁹ comenta que na Mesopotâmia, a "árvore cósmica" está integrada a elementos históricos: no poema *Erra* 150⁴⁰, a descrição feita é a de uma árvore gigante, de características cósmicas, ligadas à tradição israelita. Em Ez 31:3-8⁴¹, uma espécie de cedro do Líbano também é descrito como sendo nutrido pelas águas primordiais, sendo maior que todas as outras árvores e assumindo uma dimensão cósmica.

Em Dn 4:7b-9, também se encontra a descrição de uma árvore de grande altura, no centro da Terra, que atinge o céu e tem folhagem e frutos em abundância, notadamente representando características de uma "árvore da vida"⁴². Tanto Dn quanto Ez fazem uso de uma mesma tradição mítica, com origens na "árvore cósmica" mesopotâmica. Parpola defende a tese de que a "árvore da vida" assíria simboliza a ordem mundial divina, mas não só se referindo ao macrocosmos como também ao homem como um microcosmos (o homem ideal criado à imagem de Deus)⁴³. Muito desta ideologia também circula entre os reis aquemênidas iranianos que, assim como os assírios, viam na "árvore da

³⁹ Jean Bottéro. *Mythes et rites de Babylone*. Genève-Paris, 1985. Cit. por Anders Hultgård, *Apocalyptique*, p.121.

⁴⁰ Quando não citado, as fontes comentadas neste capítulo foram retiradas de Anders Hultgård. "Mythe et histoire dans l'Iran Ancien".

⁴¹ Ezequiel, livro canônico.

⁴² A tradução de tal passagem em Dn 4-5 (LXX) apresenta variações sensíveis na descrição da "árvore cósmica", o que a torna uma variante independente do mito. Nessa variante, o grande tamanho da árvore é fortemente evidenciado, a amplitude dos ramos indicados por medidas e sua folhagem é cheia de tudo que está abaixo do céu. Também mostra o sol e a lua habitando a árvore e iluminando toda a terra. Hultgård, op.cit. p.122.

⁴³ Segundo Parpola, a árvore estilizada com significados religiosos já aparece em 4000 a.C. na Mesopotâmia e em 2000 a.C. já está difundida no Oriente Próximo. Simo Parpola. "The Assyrian Tree of Life: Tracing the Origins of Jewish Monotheism and Greek Philosophy" in: *Journal of Near Eastern Studies* 52 (3), 1993. P.173.



vida" um símbolo da monarquia imperial, pois era a representação também do rei⁴⁴.

Na Índia antiga as idéias de "árvore cósmica" são muito variáveis, suas descrições textuais completas são bastante tardias e oferecem reinterpretações especulativas dos mitos na época védica ou pré-védica. Entre tais árvores está a árvore *ásvattha* (citada no *Atharvaveda*), que aparentemente liga-se à árvore iraniana "portadora de todas as sementes", por sua função curativa e à *Soma* (descrita no *Rigveda*), planta divina com aspectos cósmicos - e talvez rituais e alucinógenos, também⁴⁵.

No norte da Europa, em períodos muito remotos, a árvore mítica aparece para os povos bálticos com o nome de *saules koks* ("árvore do sol"), mas não apresenta traços cósmicos com clareza, ao contrário da "árvore cósmica" escandinava que aparece nos poemas *Völuspá* e *Grimnismál*. No *Völuspá* a árvore gigante se chama *Yggdrasil* e eleva-se majestosamente sobre a terra com nove galhos que são interpretados como nove mundos (esses mundos aparentemente relacionam-se com as nove montanhas dentro do tronco da "árvore cósmica" citadas no *Bundahišn*⁴⁶). Nos *Grimnismál*, a árvore aparece com três raízes que se estendem por três lados diferentes onde mora a deusa do subterrâneo *Hel* num dos lados, os gigantes noutro e os homens no terceiro lado. No *Grimnismál* 35, em especial, a árvore mítica simboliza o mundo em seu aspecto temporal.

⁴⁴ Eddy, op.cit. pp.26-29.

⁴⁵ Para mais detalhes sobre o tema de plantas alucinóginas e visões por indução química nas tradições indo-iraniana e judaica ver Vicente Dobroruka. "Chemically-induced visions in the Forth Book of Ezra in light of comparative Persian material" in: *Jewish Studies Quarterly*. Vol.13.1. Princeton: Mohr Siebeck, 2006.

⁴⁶ O *Bundahišn* mantém-se em duas recensões: o "Grande *Bundahišn*" e o "Pequeno *Bundahišn*", indiano. Mary Boyce considera que esses textos podem ser em parte pré-zoroastrianos e muitos estudiosos afirmam que estes reproduzem material perdido do avéstico *Dâmdât Nask*.



Ao falar sobre os deuses indo-iranianos, Boyce realça o papel da "árvore de todas as sementes", também chamada de "árvore de toda a cura", que cresce no mar *Vourukasha*. Segundo ela, a crença nessa árvore provavelmente está ligada aos cultos de árvores posteriores, onde é comum a veneração a grandes árvores com poder de cura⁴⁷.

Nas coleções de textos *Vidēvdāt*⁴⁸ e nos comentários do tipo *Yašt*⁴⁹ se encontram temas míticos relacionados à idéia de uma árvore gigante. O *Yašt* 12, dedicado à *Rašnu*⁵⁰, menciona uma árvore mítica. No *Vidēvdāt*, uma "árvore cósmica" é citada como enraizada no oceano mítico, e em seus frutos estão as sementes de todas as plantas da terra; a árvore é um grande reservatório genético da vida vegetal, configurando-se como "árvore da vida" em sentido estrito. Também no *Avesta*, é possível encontrar em várias passagens alusões a uma planta divina misteriosa chamada *Gaokərəna* (ou *Gōkarn*), que na tradição *pahlavi* é uma árvore. Tudo leva a crer que a *Gaokərəna* é a planta mítica (*Soma*) desta mesma tradição⁵¹.

No *Bundahišn* IA,11, é descrita a "Planta primordial" criada por Ahura Mazda que em seguida é destruída por Angra Mainyu, o "Espírito do Mal". Este último e seus demônios sofrem o contra-ataque das entidades primordiais, incluindo o Céu, a Terra, as Águas e a Planta, promovendo assim a continuação da criação material. Aqui, encontramos na "Planta primordial" a associação com a idéia de

⁴⁷ Mary Boyce. *Zoroastrians: Their Religious Beliefs and Practices*. London / New York: Routledge & Kegan Paul, 1979. P.7.

⁴⁸ Do avéstico *Vī-Daēvō-Dāta*, "dado contra os demônios", coleção de textos do *Avesta* que configura um código eclesiástico e não um manual litúrgico. Principal fonte da lei zoroastriana, é uma enumeração de várias manifestações a espíritos maléficos e de maneiras de confundí-los.

⁴⁹ *Yašts* são coleções de 21 hinos do *Avesta* Novo, cada um deles invoca um específico deus ou conceito divino do Zoroastrismo.

⁵⁰ *Rašnu* é a divindade da justiça e da ordem na mitologia iraniana.

⁵¹ Hultgård, op.cit. pp.111-114.



imortalidade, já que a vegetação passa a ser protegida pelo deus da imortalidade *Amərətātāt*. No *Bundahišn* 16.D5-6 e nas *Seleções de Zātspram* 3.39-40, Ahura Mazda fala-se da "árvore única portadora de todas as sementes"⁵². Esta árvore mítica está bem próxima da *Soma* e da *Gaokərəna*, mas com outros elementos míticos.

Bundahišn 16.D5-6:

[...] *De todos estes grãos, a árvore única portadora de numerosas sementes, portadora de remédios, crescia no mar de Fraxvkart, no qual se encontram todas as sementes das plantas, aquelas que provêm do bovino unicamente criado. A cada ano, o pássaro Sēn faz secar esta árvore única e mistura os grãos com água. Tištar os pega e os faz chover sobre as regiões da terra com a água da chuva. Próximo desta árvore única, o hōm branco, curandeiro e puro de toda a mancha, crescia sobre as fontes das água do Ardvisūr. Quem a come se tornará imortal. O nome dessa árvore é Gōkarn; como dizemos: o hōm que afasta a morte; e no momento da Renovação preparará a imortalidade. Este é o chefe das plantas [...]*⁵³.

Na verdade, a tradição iraniana separa a "árvore portadora de todas as sementes" da *Soma*, que são as duas grandes "árvores cósmicas". A "Planta primordial", mesmo sendo descrita como a *Soma*, fenomenologicamente, apresenta diferenças com as duas grandes árvores míticas. No entanto, Hultgård apresenta argumentos filológicos, que infelizmente não tenho condições de desenvolver neste momento da

⁵² O *hōm*, que cresce próximo à "árvore única portadora de todas as sementes", é tido como o equivalente da *Soma* védica.

⁵³ Tradução minha da tradução em francês de Hultgård retirada de Anders Hultgård. "Mythe et histoire dans l'Iran Ancien".



pesquisa, para mostrar a ligação da "árvore cósmica" do BY com a "árvore portadora de todas as sementes"⁵⁴.

O aspecto cósmico da árvore mítica do BY a torna símbolo da criação do mundo, já que é uma variante da "árvore única portadora de sementes". Também símbolo de criação do mundo é o "homem primordial" indiano descrito por Bardesanes⁵⁵, "gnóstico" sírio que teve contato com a natureza da religião indiana a partir de um brâmane. É a partir dele que se tem contato com a figura do "homem primordial" nesta cosmogonia. Segundo ele, o "homem primordial" estaria de braços estendidos (o que se pode imaginar como em posição semelhante à de uma árvore), e no centro da terra. Sendo andrógino, esse "homem primordial" corresponde ao corpo do Deus supremo (*Visnu-Nārāyana*), assim como todos os homens do primeiro período do mundo, que são representações do microcosmos.

⁵⁴ Hultgård analisa as formas com que aparece a menção à "árvore cósmica" do BY e à "árvore portadora de todas as sementes" no *Bundahišn* e nas *Seleções de Zātspram*, pois o texto *pahlavi* não deixa claro as semelhanças semânticas dos dois termos. Ambas as árvores têm em seu nome original o epíteto de "só", "única" derivadas do avéstico *aēva-*, que também mostra a ligação desta "árvore única" com o "bovino primordial", o qual recebe o nome de "unicamente criado" (*ēvdāt* ou *ēvakdāt*, de prefixo derivado do *aēva-*). Hultgård, op.cit. pp.117-118.

⁵⁵ Não se sabe muito sobre a vida de Bardesanes, mas acredita-se que tenha nascido em julho de 154 e, provavelmente, morrido em 222 d.C. Parece ter vindo de Edessa (nordeste da Síria atual), já que seu nome significa "filho de Daisan", rio desta cidade. Segundo o autor H.J.W. Drijvers, Bardesanes parece ter sido adepto dos cultos ancestrais, mas teria se convertido ao Cristianismo após sermões do bispo Hystaspes, também de Edessa. Passou grande parte de sua vida na corte do rei Abgar VIII. Em 128 Bardesanes teria estabelecido contato com uma embaixada da Índia em favor do imperador Elagabalus (217-222), o que o levou a conhecer costumes e tradições indianas que geraram um livro seu preservado por Porfírio em *De Abstinencia* 4.17 e *Peri Stygos* 1.56 (que também se encontra na obra de Stobeus *Eclogae* 1.3, 56). Para mais detalhes ver H.J.W. Drijvers. *The Book of the Laws of Countries: Dialogue on Fate of Bardaisan of Edessa*. Assen: Van Gorcum, 1965.

Pela síntese que faz de várias convicções religiosas e filosóficas, atualmente Bardesanes pode acabar por ser chamado de gnóstico, o que é bastante problemático, já que este é um termo moderno que muitas vezes remete a cristãos não ortodoxos da Antiguidade e até mesmo seitas consideradas hereges na época.



Stobias 2.2:

[...] *Em uma caverna, situada sobre a montanha ao centro do mundo, se encontra a estátua de um homem, cuja altura é de 10 a 12 cúbitos [cerca de 5 a 6 metros]. Este homem está de pé, os braços estendidos, como se estivessem crucificados. Sua metade direita é masculina, ao passo que sua metade esquerda é feminina. Sobre o lado direito de seu busto se encontra o sol, do lado esquerdo a lua. Abaixo dos seus braços estão figurados vários seres espirituais [angeloi] e tudo o que existe no mundo: o céu, as montanhas, o mar, os rios, o oceano, as plantas, os animais. Deus deu esta estátua a seu filho a fim de ter um modelo no momento da criação do mundo [...].*⁵⁶

No *Hino de Skambha* (Atharvaveda 5.32-34), Indra é simbolizado por um tronco, o que faz com que a conexão entre o mito do "homem primordial" e o da "árvore cósmica" do BY seja ainda mais explícita. O corpo de Deus passa então a ser a própria "árvore cósmica", propiciadora da vida e o "homem primordial", sendo sua cópia e gerando novos homens, acaba por ter a função de portador da semente da vida.

A multiplicação dos homens a partir do "homem primordial" está diretamente ligada ao esquema das quatro eras indianas, as *yugas*, descritas no livro 3 do *Mahābhārata*, nas seções 187-190. As "quatro idades do mundo" significam os quatro períodos de vida de corpo divino, sua piora gradual e seu envelhecimento. São elas: *krita*, *treta*, *dvāpara* e *kali* e representam uma degradação

⁵⁶ Tradução feita por mim da tradução francesa de Hultgård em Anders Hultgård. "Mythe et histoire dans l'Iran Ancien". Tal relato de Bardesanes consta na *Écloga* de Stobias (Stobias 2.2, tal como preservado em Fócio, *Biblioteca* - texto bizantino do séc.IX), compilador macedônico do séc. V d.C.



sucessiva.⁵⁷ O paralelo com a degeneração da raça humana em *O trabalho e os dias* de Hesíodo é evidente e muitos dos males se assemelham.⁵⁸

Parece haver relação entre as *yugas* indianas e as quatro idades representadas por galhos metálicos no BY 1. Em ambas as eras são divididas em quatro (sendo que no "apocalipse" persa elas são mais ou menos "historicizadas", como vimos) e também há uma degradação gradual dos tempos, idéia que pode ser relacionada ao curso do ano e à passagem das estações. É evidente que o BY mostra-se mais complexo em sua estrutura, mas é também clara sua conexão com a cosmogonia indiana relativamente não só às "quatro idades do mundo", mas também ao papel da "árvore cósmica". E não só isso, as duas tradições possuem uma "árvore da vida" (*aśvattha* e *Gaokərəna*, já citadas) ao centro do mundo, onde em seus galhos se encontram seres divinos encarregados de levar sementes ou a *Soma* para o deus da chuva - *Indra* para os indianos e *Tištār* para os iranianos⁵⁹.

A partir destas informações, poderíamos ver também uma conexão entre o "homem primordial" indiano, com seu corpo disposto como uma árvore, e a estátua daniélica? Afinal, ambas são estátuas que mostram uma forte ligação com a "árvore cósmica" do BY, e no caso da tradição daniélica isso fica mais evidente ainda após a análise do manuscrito 4Q552-553. Há, portanto, a possibilidade da estátua de Dn 2 estar de braços abertos no sonho do rei babilônico, como o homem citado por Bardesanes, mostrando não só paralelos com a árvore do BY, que já são bastante óbvios, mas também com o mito indiano.

⁵⁷ Widengren, op.cit. pp.24-25.

⁵⁸ Ver Pp.12-13.

⁵⁹ Odette Viennot. *Le cult de l'arbre dans l'Inde ancienne*. Paris: P.U.F., 1954. P.30.



CAPÍTULO 3 – O *BAHMAN YAŠT* E O PROBLEMA DE DATAÇÃO DAS FONTES TEXTUAIS IRANIANAS

Ao tratarmos da tradição zoroástrica, um dos maiores problemas que encontramos é a questão da datação de suas fontes. É em grande parte por conta dos textos persas que nos deparamos com perguntas difíceis de serem respondidas, no que concerne a discussão da apropriação de temas míticos dentro dos contextos semítico e indo-europeu. Como já está bastante claro, minha principal fonte de análise no *corpus* documental zoroástrico é o BY. Sendo assim, textos judaicos como Dn e 4Esdras serão fundamentais para a discussão de sua datação⁶⁰.

Alguns temas que incorporarão os textos apocalípticos, tanto no ambiente indo-europeu quanto no semítico, já aparecem no *Avesta Novo*⁶¹, como nos *Yašts* 13, 19, no *Yasna* 26 e no *Vendidad* 19. O *Grande Bundahišn*⁶² também apresenta temas escatológicos e apocalípticos, em especial os capítulos 33 e 34. A história do mundo, desde o rei mítico

⁶⁰ Este terceiro capítulo é baseado, com pequenas modificações, na comunicação que apresentei no II Seminário Interno do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ - "Sincretismo iraniano-judaico e a formação da literatura apocalíptica no Antigo Oriente Próximo" em Brasília, UnB, dos dias 21 ao 23 de novembro de 2007. O nome do artigo apresentado na ocasião é o mesmo do título do presente capítulo.

⁶¹ O *Avesta Novo* compôs grande parte do *Avesta*, conjunto de escrituras antigas do Zoroastrismo, incluindo *Yašts*, o *Vendidad* e algumas partes do *Yasna*. Alguns estudiosos o remontam ao séc. VIII a.C., enquanto que a religião zoroástrica pode remontar até a 1200 a.C., como já foi mencionado anteriormente. Um dos motivos para que se chegue a esta conclusão é o que em vários textos de tradição zoroastriana o ambiente recriado é o de pastores assentados, mas ainda não agricultores, o que condiz com a época.

⁶² Segundo Collins em John J. Collins. "Persian Apocalypses" in: *Semeia* 14, 1979., o *Bundahišn* mantém-se em duas recensões: o "Grande *Bundahišn*" e o "Pequeno *Bundahišn*", indiano. Como já foi citado no capítulo anterior, Mary Boyce considera que estes textos podem ser em parte pré-zoroastrianos.



Hystaspes ao *Saošyant*, salvador iraniano, é descrita no *Dēnkard*, o que incorpora esta passagem no gênero apocalíptico. Além disso, a teoria das quatro idades do mundo já aparece no *Sūdgar Nask*. Estes e outros textos se assemelham ao BY e integram o grande grupo de fontes persas que não podem ser precisamente datados. Para uma melhor compreensão dos detalhes do BY que ajudam na questão da datação do mesmo, é necessário, novamente, reproduzir o trecho do capítulo 3 usado no primeiro capítulo:

BY 3:19-29:

...E eu vi uma árvore no qual havia sete galhos, um de ouro, um de prata, um de cobre, um de latão, um de chumbo, um de aço e um [no qual]ferro foi misturado [...] O tronco que você viu, este é o material do mundo que eu, Orhmazd, criei. E os sete galhos que você viu são as sete épocas que virão. O de ouro é o reino de Wištāsp no qual eu e você conversamos sobre a religião [...] O de prata é o reino de Ardaxšīr, o Kay [...] O de cobre é o reino de Ardaxšīr, o restaurador do mundo [...] O de latão é o reino dos reis arsácidas, que irão guiar o mundo da heresia do Buddha [...] O de chumbo é o reino do rei Wahrām Gōr, que fará visível o espírito da paz [...] O de aço é o reino do rei Husraw, filho de Kawād [...] O galho no qual ferro foi misturado [este é o perverso reino dos dēws de cabelo partido da descendência de Xēšm], quando será o fim do décimo século do nosso [milênio], ó Spitāmān Zarduxšt...

A menção feita a um reino histórico, o de *Husraw*, ou Cosroés II, (531-579 d.C.), que aparece no trecho acima é de grande importância para que se date o mesmo. Este capítulo deve ser uma adição bem posterior, do séc. VI



d.C., ao tema original de "quatro idades do mundo", que, possivelmente, remonta a séculos de distância.

O BY, como já foi dito, é um *zand*, um comentário de um original avéstico, escrito em *pahlavi*. Logo, não temos conhecimento do texto que o antecedeu e é sua primeira versão. Seu material é de diversas origens, as quais não somos capazes de remontar com totalidade. Sabe-se que muito da tradição iraniana vem da tradição indiana (o que é totalmente compreensível, visto que ambas estão inseridas num contexto indo-europeu), inclusive o tema das quatro idades do mundo, encontrado nas *yugas* da cosmogonia indiana e na árvore do BY. O "homem primordial" da mesma tradição também está diretamente relacionado ao BY, por ter características da "árvore cósmica" presente neste. A tradição indiana é uma das mais antigas que se tem conhecimento. Supõe-se que o hinduísmo tenha surgido em torno de 1500 a.C. e que os *Vedas* já sejam desse período, embora uma tradição oral seja bem anterior. O épico *Mahābhārata*, texto que cita as *yugas*, compilado por Krishna-Dwaipayana Vyasa, no entanto, parece ser do séc. II ou I a.C. (ou, até mesmo, do período que vai do séc. IV a.C. ao IV d.D.), mas supõe um material mais antigo, já que mostra paralelos com o *Hino de Skambha*, que remonta ao surgimento do hinduísmo e fala sobre Deus simbolizado por um tronco.

Se o tema das idades do mundo não é originalmente iraniano, em que afinal é esta tradição pioneira? O que se discute aqui é a apropriação do tema das idades do mundo, mas de uma maneira diferente: estatizando cada idade e simbolizando-as por metais. Segundo Adela Collins⁶³ a

⁶³ Adela Collins. "Numerical symbolism in Jewish and Early Christian apocalyptic literature" in: Wolfgang Haase e Hildegard Temporini (orgs.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin: De Gruyter. (ANRW), 1984.



origem dos quatro metais ainda é obscura, mas esta junção de temas que a apocalíptica persa faz me parece inédita na Antiguidade. Pode-se muito bem argumentar qual o papel de Hesíodo nesta discussão, mas devo lembrar que o mesmo faz um uso bem diferente do tema. Hesíodo usa quatro metais em ordem de deteriorização, mas inclui a "idade dos heróis", que quebra toda a simetria do esquema proposto. Ovídio, em suas *Metamorfoses* 1.89-150 (séc. I a.C.) também utiliza o esquema de cinco idades, mas parece evidente aqui que Hesíodo faz uso de um modelo original de quatro períodos, adicionando um período suplementar, a "idade dos heróis", que destoa completamente das outras⁶⁴. Há a possibilidade do autor de Dn ter tido conhecimento de forma direta ou indiretamente do esquema de Hesíodo, mas tudo indica que o livro judaico teve como principal fonte um possível original avéstico do BY. Hesíodo também não se insere num contexto religioso, logo seu esquema de eras sucessivas não serve para o mesmo propósito de Daniel ou do BY, por exemplo.

A discussão entre estudiosos acerca de qual texto é mais antigo, o BY ou Dn⁶⁵, é recorrente. Anders Hultgård é defensor da precedência do texto persa, assim como a maioria dos estudiosos (como Mary Boyce e John Collins), já o francês Philippe Gignoux assume o posto de opositor às idéias recorrentes sobre o assunto⁶⁶. Este se baseia em alguns argumentos para descartar a originalidade persa no tema dos quatro impérios simbolizados por metais. Segundo o mesmo, estamos lidando com tradições míticas e lendárias que foram acrescentadas nos textos avésticos durante o período

⁶⁴ Widengren, op.cit. pp.42-47.

⁶⁵ Relembrando, produzido no séc. II a.C.

⁶⁶ Philippe Gignoux. "L'apocalyptique iranienne est-elle vraiment la source d'autres apocalypses?" in: AAASH 31. Budapest, 1985-88. Pp.67-78.



sassânida. Haveria então muitas reinterpretações durante a passagem dos textos do avéstico para o *pahlavi*. Também argumenta que aproximadamente $\frac{3}{4}$ do Avesta foram perdidos durante a conquista Árabe-Islâmica. Logo, não saberíamos sequer se certos textos existiriam. Quantos textos novos teriam sido compostos em avéstico durante o período parta e sassânida? Gignoux também propõe uma discussão filológica para demonstrar uma confusão de temas que não seriam tão antigos, como todos pensam. Além de tudo, ainda discute a possibilidade do BY ter sido composto no período helenístico, não configurando como um apocalipse e não podendo manter fortes paralelos com textos que o são.

Seria a formulação das "quatro idades do mundo" acompanhadas de impérios e metais é uma passagem do ambiente indo-iraniano, representado pelo BY, para o semítico, que tem como maior expositor Dn 2? Os metais ou as idades do mundo por si só já podem até ter aparecido em outros contextos antes do iraniano, mas como fica a última idade que no apocalipse persa é representada pelo ferro misturado a algo não identificado e em Dn à argila? O ferro aqui evidentemente é tido como o pior dos metais, pois simboliza o pior dos reinos, o último. No texto persa *Bundahišn* 34:18-19⁶⁷, como já foi salientado, surge o tema do metal derretido que serve para julgar os homens, quem passar por ele e for bom pensará que está andando sobre leite morno, mas quem for fraco sentirá o queimar do metal. A referência ao metal como algo negativo no *Bundahišn* parece mostrar que este tema está bem trabalhado na

⁶⁷ ... Então o fogo e Airyaman yazat derreterão o metal que está dentro dos morros e das montanhas, e ele permanecerá nesta terra como um rio. E então eles farão com que todos os homens passem nesse metal derretido, e os tornarão puros; e aquele que é justo terá a impressão de estar caminhando em leite quente; e aquele que é iníquo, de certa forma terá a impressão de estar caminhando no mundo em metal fundido... Flusser, op.cit. p.190.



tradição persa, e uma outra referência semelhante no BY só deixa isso mais claro⁶⁸. O que quero dizer é que a idéia do metal sendo usado para representar algo ruim obviamente parece mais persa que judaica. No entanto, como ocorre com o BY, também não sabemos ao certo quando foi composto o *Bundahišn*.

Um outro bom argumento para provar que os textos persas não são tão posteriores é o testemunho de Plutarco. Este historiador falava sobre a cosmogonia e escatologia zoroastriana, assim como se encontram nos textos em *pahlavi*, já em sua obra *Sobre Ísis e Osíris* 46-47 de 100 d.C.

Sobre Ísis e Osíris 46-47:

*... mas, um tempo destinado deverá vir quando será decretado que Areimanius, empenhado em trazer a pestilência e a fome, deverá ser por estes absolutamente aniquilado e deverá desaparecer; e, em seguida, a Terra deverá ficar em nível plano e lá deverá existir um estilo de vida e uma forma de governo para um povo abençoado que deverá falar uma só língua. Theopompus diz que, de acordo com os sagos, um deus irá dominar e o outro será dominado, cada um num espaço de três mil anos e, mais tarde, por mais três mil anos eles deverão lutar e guerrear e o único (deus) deverá desfazer o trabalho do outro e finalmente o Hades deverá passar; e então as pessoas serão felizes e eles não precisarão nem de comida nem apanhar nenhuma sombra...*⁶⁹

⁶⁸ Segundo Adella Collins, o surgimento do tema pode ter sido fruto da mudança tecnológica ou ser puramente mítico. Adella Collins. "Numerical symbolism in Jewish and Early Christian apocalyptic literature" in: Wolfgang Haase e Hildegard Temporini (eds.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin: De Gruyter. (ANRW), 1984. P.1241.

⁶⁹ Tradução minha da tradução inglesa de F. Babitt retirada de Plutharch. *Moralia*. Cambrigde, Mass. / London: Loeb Classical Library, 1936. Vol 5.



Isto mostra que a tradição iraniana pouco mudou ao decorrer dos séculos. Com o testemunho de Plutarco fica mais difícil acreditar que o tema das idades do mundo com os metais no BY tenha sido uma inserção sassânida do séc. III d.C. em diante, ou seja, a partir de uma idéia originalmente daniélica.

Também podemos fazer paralelos entre textos persas e o texto judaico 4Esdras⁷⁰, capítulos 9, 12, 14, , no que tange estados alterados de consciência por indução química⁷¹. O *Jāmāsp Namag*, *Wizirkad i Denig*, *Zarduš Nameh*, a "Conversão de Hystaspes, trechos do *Dinkard*, o *Livro de Artay Viraz* e passagens do *Vidēvdāt*, juntamente com o BY⁷², listam os textos persas que parecem ser fontes para o autor de 4Esdras. Vale lembrar que a figura de Hystaspes⁷³ é bem mais antiga que a apocalíptica judaica, ou seja, mais antiga que a figura de Esdras. O tema da taça que dispõe de bebida alucinógena em 4Esdras já aparece no *Yasna* 10.17, material encontrado nos *Gathas* (que para os estudiosos tem sua datação variando de 1000 a.C. ao séc. VI a.C., dependendo de quando viveu Zoroastro). Outro tema, o da flor como indutor químico (que também está presente em 4Esdras dentre outros), já está presente da tradição persa, mostra que há uma grande probabilidade do texto judaico ter se apropriado de idéias zoroastrianas.

⁷⁰ Produzido no séc. I d.C.

⁷¹ Para mais informações sobre o assunto ver a tese de doutorado de Vicente Dobroruka, "Aspects of Late Second Temple Jewish Apocalyptic: A cross-cultural comparison", orientada pelos Drs. Christopher Rowland e Martin Goodman em dezembro de 2005 na Universidade de Oxford.

⁷² BY 3:6-8: "...Ele pegou a mão de Zarduxšt, ele Ohrmazd, o espírito generoso, o Criador do mundo [dos] bens materiais, sagrado pôs sua sabedoria de onisciência, na forma de água, na mãe de Zarduxšt e disse "beba". E Zarduxšt o bebeu. Ele misturou a sabedoria em Zarduxšt. Por sete dias e noites esteve Zarduxšt na sabedoria de Ohrmazd...". Tradução minha a partir da tradução inglesa de Cereti, op.cit.

⁷³ Tido como o rei mítico protetor de Zoroastro, além de também ser o nome do pai do rei Dário I.



Uma outra fonte iraniana que serve para a discussão da datação dos textos persas é o Oráculo de Hystaspes. Este é relativo ao personagem já citado como rei protetor de Zoroastro e possui idéias apocalípticas em sua narrativa, como o fim do mundo e seu destino. O oráculo foi bastante popular no séc. II d.C. pelos cristãos por seu conteúdo explosivo anti-romano, no entanto, seu original (se houver algum), parece ter tido origem em um ambiente onde idéias apocalípticas iranianas eram usadas para manter resistência política e espiritual contra regras macedônicas e selêucidas na Ásia ocidental. No entanto, só temos à disposição o oráculo via Lactâncio⁷⁴ e poucos outros autores, como Clemente de Alexandria. A descrição de sinais apocalípticos na paráfrase de Lactâncio lembra os sinais encontrados no BY.

Instituições divinas VII 16:10:

O ano encurtará e o mês diminuirá e o dia concentrado em um pequeno espaço.

BY 4:64

O Sol ficará menos visível e menor, ano, mês e dias encurtados.

Também há semelhanças entre a passagem 7.21.3-7 das *Instituições divinas* e o *Bundahišn* 34:18-19 quando trata-se do fogo divino, o que mostra que um texto já conhecido no começo da nossa era mostra paralelos com outras fontes persas. Isso nos leva a conclusão de que textos como o BY

⁷⁴ Lactâncio foi um autor cristão que viveu de 240 a.C. a 320 d.C. Nasceu na África e foi discípulo de Arnóbio. Ensinou retórica em várias cidades do Império Romano do Oriente, até chegar à Constantinopla e escreveu livros apologéticos explicando o cristianismo com uma linguagem própria para pagãos intelectualizados. A obra *Instituições divinas* de Lactâncio, de onde é retirado o Oráculo de Hystaspes, data de 305-310 d.C.



não parecem ser fruto do período sassânida, como alguns argumentam, remontando, no mínimo, à época de composição do oráculo em questão. O fato de termos a disposição os manuscritos zoroástricos somente do período sassânida não impede que estes tratem de uma tradição muito anterior, nem que tenham um original em avéstico.



CONCLUSÃO

A partir dos indícios mostrados, me parece que um complexo mítico indo-europeu foi apropriado por um semítico, o que explica muitas das semelhanças entre as *yugas* e o "homem primordial" indiano com as idades do mundo simbolizadas por metais em Dn e no BY, juntamente com suas descrições de uma estátua e uma árvore cósmica (consecutivamente). O texto indiano *Mahābhārata* apresenta pistas de ser o mais antigo, por ser menos complexo e por não apresentar Estados simbolizados nas *yugas*, como acontece com na árvore do BY e na estátua daniélica. Por sua vez, o texto iraniano parece ser mais antigo que Daniel, por fazer parte de uma tradição, ao que parece, muito anterior à judaica, o que o tornaria um possível elo entre o mito indiano e o judaico.

No entanto, mais uma vez, é imprescindível lembrar que estes documentos (em especial o BY) possuem graves problemas de datação, o que dificulta respostas conclusivas à análise. O anexo desta monografia, apesar de levantar questões que não fazem parte da visão tradicional, também sugere, a meu ver, que o BY é um elo entre as tradições indiana e judaica.

Acredito que alguns momentos da pesquisa se revelaram muito significantes, como a relação dos fragmentos do Mar Morto 4Q552-553 com o tema das árvores e impérios mundiais. Este é um indício de grande valia para que se estipule uma maior conexão entre a tradição daniélica e o BY. O testemunho de Plutarco também é decisivo no que concerne a datação dos textos persas. O fato de já anunciar elementos da tradição zoroastriana em sua obra *Sobre Ísis e Osíris* do



ano 100 d.C. é decisivo para que não se date os manuscritos como produções sassânida.

É válido mencionar que para o presente estudo alguns modelos teórico-metodológicos foram de extrema importância, como o da microhistória⁷⁵. Afinal, trato aqui de uma escala particular de observação, que pretende representar uma realidade de escala macro. Como este trabalho também está intimamente ligado a temáticas abordadas na Ciência das Religiões, autores com Otto, Eliade, Usarski e suas discussões foram de grande valia. O problema de se trabalhar como historiador com temas que envolvem crenças religiosas é discutido nestes autores e os limites traçados por alguns destes, como Usarski, foram fundamentais para que eu refletisse a respeito de como orientar minha pesquisa.

⁷⁵ Também conhecida como “nova história cultural”, baseia-se basicamente em um recorte temático em um assunto específico. Uma grande inspiração para mim nesta área tem sido Carlo Ginzburg.



**ANEXO: A ABORDAGEM MORFOLÓGICA DE PROPP NO COMPLEXO
MÍTICO DAS "IDADES DO MUNDO" COM ÊNFASE NO *BAHMAN*
*YAŠT***

Apesar das conclusões chegadas até agora parecerem apontar para uma antecendência da tradição iraniana sobre a judaica - algo bem aceito pela comunidade acadêmica inserida na discussão - uma nova abordagem foi trabalhada por mim e outros três colegas de curso⁷⁶. Neste momento só pretendo apontar algumas questões à que chegamos e que talvez tenham alguma relevância na questão da datação dos textos iranianos - em especial do BY⁷⁷.

O que fizemos foi utilizar o modelo morfológico de Vladimir Propp⁷⁸ para termos uma nova perspectiva frente aos documentos que trabalhávamos. Nesta abordagem não há ainda o uso do método histórico na análise do mito das "idades do mundo". Sendo assim, questões como datação e proveniência de textos não podem ser respondidas somente com o uso deste método. O que pretendemos com o método

⁷⁶ São eles Airton Braga, Tupá Guerra e Raul Maravalhas, todos estudantes de graduação em História na UnB.

⁷⁷ Este anexo é baseado no trabalho em conjunto feito por mim e pelos já citados na nota anterior apresentado no I Colóquio de Magia e Mito na Antiguidade e Medievo: "Feitiçaria e Poder Simbólico" no Rio de Janeiro, UERJ, que ocorreu de 25 a 30 de junho de 2008. Cujas mesas eram "Magia e Mito: Duas abordagens teóricas para o tratamento das idades do mundo - mesa 1".

⁷⁸ Ver Vladimir I. Propp. *Morfologia do conto maravilhoso*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Propp procurou encontrar nos contos que analisou os elementos mais simples e indivisíveis de sua narrativa. Para isso criou as funções, ou seja, esferas de ação dos personagens. Estas estruturas deveriam aparecer em todas as obras analisadas, mesmo que com pequenas mudanças de elementos, desde que não prejudicassem a característica essencial da função. O corpus documental que Propp utilizou foi de 449 contos. Como nosso objeto de estudo é um mito, e não um conto, tivemos que fazer algumas adaptações no modelo de Propp.



morfológico é trabalhar uma lista de documentos levantados (em sua grande parte pelo professor Vicente Dobroruka), que apresentam, de alguma forma, elementos do mito das "idades do mundo", num esquema morfológico, ou seja, analisando parte por parte do mito nestas narrativas e identificando funções e qualitativos para tal. Por fim, criamos uma tabela onde conseguimos observar certas características dos textos analisados.

Primeiramente, percebemos que precisávamos delimitar nosso objeto. O que faz e o que não faz parte do complexo mítico das "idades do mundo"? Após muitas reuniões e discussão, chegamos à conclusão de que todo texto que apresenta *uma seqüência de idades ou domínios que se sucedem na História, ocupando uma totalidade estabelecida segundo o critério do autor*, evidencia o mito em sua plenitude. Exemplos deles são Dn 2 e 7, BY 1 e 3, Hesíodo, 4OrSib 49-192, 4Q552-553, *Mahābhārata* 3, 187-190, todos estes já apresentados nesta monografia. Além destes, Testamento de Naftali 5, *História* 1.2 de Políbio, *Histórias* 1.95-130 de Heródoto, *História* 5.8 de Tácito, dentre outros, também se enquadraram na pesquisa.

Ao fazermos uso do método morfológico proppiano, observamos que o mito das "quatro idades do mundo" não abrange só *idades*, mas também uma outra categoria, os *domínios*, já citados, que são representados por impérios ou povos⁷⁹. Assim, até mesmo o nome "idades do mundo" nos pareceu limitar a idéia que o mito passa⁸⁰. O que mais interessa para o presente trabalho é que a partir do método morfológico proppiano, a conclusão a que chegamos é a de

⁷⁹ Estes impérios ou povos precisam subjugar outros para serem considerados como domínios. Portanto, as raças descritas em Hesíodo não se enquadram neste conceito.

⁸⁰ No entanto, resolvi manter esta denominação na monografia para maior comodidade, além do fato do trabalho morfológico do complexo mítico em questão ainda estar em fase inicial.



que os textos analisados possuem diferenças suficientes em sua narrativa para que estabeleçam entre si uma forte dependência.

O que o método morfológico sugere é que temos troncos independentes, onde as versões do mito que aparecem representadas por *idades* - como Hesíodo - estariam em um grupo bem diferente dos textos onde o mito se apresenta por meio de *domínios* de reinos ou povos - como Heródoto⁸¹ - por exemplo. É importante notar que a maioria quase absoluta das fontes que apresentaram *domínios*, e não *idades* em sua narrativa, tinham como reinos Assíria, Média e Pérsia, o que nos faz pensar que em um determinado momento (mais posterior, talvez começando com Heródoto) esta tríade tenha passado a caracterizar o mito conhecido como "idades do mundo"⁸². No entanto, o método não conseguiu explicar o caso do BY onde, como é possível observar a partir da leitura dos trechos dos capítulos 1 e 3, são descritos na visão de Zoroastro galhos metálicos que representam tanto *idades* do mundo quanto impérios mundiais, *domínios*, (sejam eles míticos ou históricos). Neste caso, não seria o BY um elo entre os textos que apresentam *idades* e *domínios*?⁸³ Se o texto *Mahābhārata*⁸⁴, que apresenta *idades* do mundo em sua narrativa, for realmente mais antigo que textos judaicos e, inclusive, que os textos persas, o método morfológico só deixaria mais claro que houve uma transição no mito de

⁸¹ Em sua obra *História* 1.95-130, Heródoto descreve cinco períodos, caracterizados por domínios, sucessivos na história: o dos assírios, o dos medos, o dos citas, um outro dos medos e o dos persas.

⁸² Dn 2 também se encaixa na classe dos domínios, já que faz uma clara referência à Babilônia como primeiro reino. Babilônia, neste caso, é morfológicamente equivalente à Assíria - bem mais comum nos textos que apresentam domínio.

⁸³ Esta é uma questão que ainda está em discussão no grupo de pesquisa, mas, particularmente, tendo a acreditar que tem fundamentos.

⁸⁴ Vale lembrar que Hesíodo também apresenta *idades* em sua obra *Os trabalhos e os dias*, mas, como já foi discutido, este parece se basear no modelo indiano, apenas incorporando a "raça dos heróis" - o que possivelmente é uma inserção ao modelo original de quatro.



idades para *domínios*. Sendo assim, o BY se encaixaria perfeitamente nesta passagem, unindo dois traços que caracterizam os períodos que o mito desenvolve em sua narrativa. Dn 2 então, apesar de também estar explícito em sua narrativa as *idades* do mundo, estaria numa fase posterior ao BY por já fazer menção à Babilônia (equivalente à idéia de Assíria como primeiro império, o que caracteriza um estágio posterior do mito, como já foi dito).

Fato é que o método morfológico de Propp não resolve todos os problemas que encontramos nos textos pesquisados, afinal, Propp trabalhou com contos e não mitos, além de não dispor de um método histórico. Perguntas tais como "qual texto é anterior a qual?", "quem influencia quem?", "qual o movimento de percurso do mito, Oriente-Occidente ou vice-versa?" não podem ser respondidas unicamente por este método, como já foi salientado, mas este nos ajuda a enxergar certa dinâmica no complexo mítico. O processo que vai desde a criação da função e seus qualitativos até a construção de uma tabela comparativa não só nos ajudou a compreender certas mudanças que apareciam nos documentos analisados apresentados, mas também ampliou nosso conceito do que seria o mito das "idades do mundo".

Apesar do método morfológico não apontar para uma dependência entre os textos analisados, ainda acredito que o BY diferencia-se das demais fontes. O fato de o texto persa poder funcionar como um elo entre dois grupos que caracterizam o mito em questão, as *idades* e os *domínios*, me parece evidência (ainda que careça de mais análise) para que se conceba o BY como sucessor da tradição indiana e ponto de contato desta com o judaísmo, em especial com Dn 2.



BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS:

Bahman Yašt in: CERETI, Carlo G. (ed.). *The Zand I Wahman Yasn, A Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

Daniel (Dn) in: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

HESÍODO, "Os trabalhos e os dias" in: LAFER, Mary de Camargo N. (ed.). *Os trabalhos e os dias - Hesíodo*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

Oráculos Sibilinos 4 (4OrSib) in: CHARLESWORTH, James H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha - Apocalyptic Literature and Testaments*. New York: Doubleday, 1983. Vol.1. (OTP 1).

PLUTARCO in: Plutharch. *Moralia*. Cambrigde, Mass. / London: Loeb Classical Library, 1936. Vol.5.

4Q552-553 in: VERMÈS, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997.

FONTES SECUNDÁRIAS:

BOYCE, Mary. "On the Antiquity of Zoroastrian apocalyptic" in: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 47, 1984. Pp.57-75.

_____. *Zoroastrians: Their Religious Beliefs and Practices*. London / New York: Routledge & Kegan Paul, 1979.

COLLINS, Adela Y. "Numerical symbolism in Jewish and Early Christian apocalyptic literature" in: HAASE, Wolfgang e



- TEMPORINI, Hildegard (eds.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin: De Gruyter. (ANRW), 1984. Pp.1222-1287.
- COLLINS, John J. (ed.). "Persian Apocalypses" in: *Semeia* 14, 1979. Pp.207-217.
- _____. "The Apocalyptic Genre" in: *The Apocalyptic Imagination*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998. Pp.1-42.
- COLPE, Carsten. "Sethian and Zoroastrian ages of the World" in: *The Rediscovery of Gnosticism*. Leiden: B. Layton, 1981. Vol.2. Pp.540-562.
- DOBROUKA, Vicente. "Aspects of late Second Temple Jewish apocalyptic: a cross-cultural comparison" (tese). Theology Faculty, University of Oxford. Orientador: Christopher Rowland. Defesa: Oxford, dezembro de 2005.
- _____. "Chemically-induced visions in the Forth Book of Ezra in light of comparative Persian material" in: *Jewish Studies Quarterly*. Princeton: Mohr Siebeck, 2006. Vol.13.1. Pp.1-26.
- EDDY, Samuel. *The king is dead: studies in the Near Eastern resistance to Hellenism 334-31 B.C.* Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano - a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FLUSSER, David. "Os quatro impérios no Quarto Sibila [sic] e no livro de Daniel" in: FLUSSER, David (ed.). *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Vol.2. Pp.99-127.
- GARCÍA-MARTINEZ, Florentino. "4Q Pseudo Daniel Aramaic and the Pseudo Daniel literature" in: GARCÍA-MARTINEZ, Florentino (ed.). *Qumran and Apocalyptic: Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. Leiden: Brill, 1992. Pp.137-161.



- GIGNOUX, Philippe. "L'apocalyptique iranienne est-elle vraiment la source d'autres apocalypses?" in: *AAASH* 31. Budapest, 1985-88. Pp.67-78.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- HARTMAN, Lars. "The functions of some so-called apocalyptic timetables" in: *New Testament Studies* 22, 1976. Pp.1-14.
- HASEL, Gerhard. "The four world empires of Daniel 2 against its Near Eastern environment" in: *Journal for the Study of the Old Testament* 12, 1972. Pp.17-29.
- Hintze, Almut. 'Review of "Pitfalls in Zoroastrianism". Review of S.A. Nigosian. *The Zoroastrian Faith. Tradition and Modern Research*'. Montreal & Kingston / London / Ithaca: McGill-Queen's University Press, 1993, repr. 1999 in: *Journal of Ancient Iranian Studies*. Vol.2. Pp.95-102.
- HULTGÅRD, Anders. "Ecstasy and vision" in: Holm, Nils (ed.). *Religious Ecstasy. Based on Papers read at the Symposium on Religious Ecstasy held at Abo, Finland, on the 26th-28th of August 1981*. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1982. Pp.218-225.
- _____. "Mythe et histoire dans l'Iran Ancien" in: WIDENGREN, Geo et alli. *Apocalyptique iranienne et dualisme qoumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995. Pp.63-162.
- _____. "Persian apocalypticism" in: COLLINS, John J. (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Christianity*. New York: Continuum, 1998, Vol.1. Pp.39-83.
- LECHLER, George. "The Tree of life in Indo-European and Islamic cultures" in: *Ars Islamica* 4, 1937. Pp.369-420.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Paulo: UESP, 1986.
- PARPOLA, Simo. "The Assyrian Tree of Life: Tracing the Origins of Jewish Monotheism and Greek Philosophy" in: *Journal of Near Eastern Studies* 52 (3), 1993. Pp.161-208.



- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- VIENNOT, Odette. *Le cult de l'arbre dans l'Inde ancienne*. Paris: P.U.F., 1954.
- WIDENGREN, Geo. "Les quatre ages du monde" in: WIDENGREN, Geo et alli. op.cit. Pp.23-62.
- WINDISCH, Hans. *Die Orakel des Hystaspes*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam, 1929.
- WINSTON, David. "The Iranian component in the Bible, Apocrypha and Qumran: a review of the evidence" in: *History of Religions* 5, 1966. Pp.183-216.